O LEGADO

AUGUSTO LA FERE

ARS VERBI

O LEGADO

AUGUSTO LA FERE

O LEGADO

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

CRÉDITOS

O Legado
© 2013 Augusto La Fere
Publicado por *Ars Verbi*™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital
ISBN: 978-65-988749-1-9

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).
Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:
— Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
— Não a utilize para fins comerciais;
— Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

DEDICATÓRIA

A quem recebe o que não se possui.
A quem herda não a posse, mas a falha.
Este livro não deixa bens,
deixa o erro —
rastro, sombra, silêncio.

A ti, que carregas agora
o que nunca foi inteiro.

Há marcas que começam antes de nós.
— Augusto La Fere

SUMÁRIO

PRÓLOGO 1
LIVRO I 2
As Escrituras do Erro 3
Anáforas de um Testamento Falho 8
O Erro no Espelho 14
A Assinatura Torta 19
LIVRO II 24
Assento 25
Herança 26
Sucessão 29
LIVRO III 33
Três Partes de Um Mesmo Nome 34
O que Resta 38
Abismo do Nome 42
O Canto e o Corte 46
O Testamento de Nada 50
O Espelho Quebrado 55
A Voz Silente 60
A Herança do Vazio 65
O Peso do Legado 70
O Caminho Inacabado 75
A Linguagem do Erro 80
O Vazio que Nomeio 87
O Traço Incompleto 92
O Legado Silencioso 97
A Herança Oculta 105
Ecos do Testamento 111
Morada 118
O Eco 124
O Vento que Fala 130
Fim do Testamento 136
O Último Sussurro 141
A Passagem 147
Últimas Vozes 148
LIVRO IV 150
EPÍLOGO 166
O Último Peso 166

PREFÁCIO

O Legado: herança do fragmento e do impossível

por María Pía López[1]

Há livros que recusam o lugar confortável da fábula, do enredo e da promessa. Livros que não se oferecem como abrigo, nem como porto seguro para o leitor, mas como uma travessia sobre terreno instável, uma travessia que já nasce abortada. *O Legado* pertence a essa linhagem rara. Desde seu primeiro verso, o texto se inscreve como um gesto de falha: falha da linguagem em nomear, falha do sujeito em herdar, falha da escrita em legar.

O que temos diante de nós é um livro que não busca dizer o mundo, mas expor a fratura que funda o dizer. Um livro que não se constrói como caminho, mas como rastro de um passo que nunca se dá. O autor articula os quatro capítulos — *As Escrituras do Erro, A Herança, O Legado, O Testamento* — como modos de inscrever o fracasso: cada

1 María Pía López (Mercedes, Argentina, 1969) é escritora, ensaísta, socióloga e professora universitária. Referência no pensamento crítico contemporâneo argentino, suas obras transitam entre a literatura, a filosofia e a teoria social, com foco na análise das formas do poder, da linguagem e da memória. Autora de livros como *Mutantes (2003)*, *Apuntes para una política feminista (2019)* e *Te digo más (2019, em coautoria)*, López é conhecida por sua escrita que articula densidade conceitual e compromisso ético, sempre atenta aos modos pelos quais o discurso e o silêncio estruturam o social.

parte é um movimento em torno de um centro ausente, um centro que não se oferece ao olhar, mas que pesa como ausência.

A escrita, fragmentária, não é apenas um recurso formal: é o único modo de dizer o que não se deixa apreender. O fragmento, o silêncio, o espaço em branco são vozes tão potentes quanto as palavras. Cada poema, cada traço, é a tentativa de nomear o que escapa, e a aceitação de que esse nomear é, já de início, um fracasso.

Ao herdar esse livro, o leitor é convidado a entrar em um espaço onde não há narrativa a seguir, nem sentido a buscar. O que se oferece como legado não são verdades, nem lições, nem respostas. O que se oferece é o erro: o erro como tudo o que resta, como única herança possível.

Esse testamento do nada, como podemos ler sobretudo no capítulo final, simula o gesto jurídico apenas para confirmar sua vacuidade. O testador não tem o que deixar; o testamento, enquanto forma, desmorona em sua tentativa de ordenar o que não se ordena. O que resta é o pó, o vento, o eco.

O Legado nos desafia a pensar o que significa receber o que não se contém, carregar o que não se dá, herdar o que não se possui. Um livro que não se oferece como sentido, mas como marca do impossível: a transmissão do erro como aquilo que funda e que persiste.

PRÓLOGO

aqui jaz
quem tentou dizer
quem buscou o verbo

e por não querer

legou o erro
que é o viver

e o que resta
não é voz
não é nome
é o traço
que ora escrevo
onde a pedra
ouve
e ali

não feneço.

LIVRO I

As Escrituras do Erro

As Escrituras do Erro

I

vi sem ver
ouvi sem boca
nomeei sem nome
o erro era antes
era ar
era ato
era alma

não era

estava na pedra
no vento
no sulco
osso

II

no princípio
era risco

não verbo
não luz
não início

um traço
um traço
um traço

que voltou
sobre si

III

não firmei
[mas firmou]
não escrevi
[mas ficou]

o selo era sopro
o sopro era sono
o sono era tudo
que me lembrava

IV

dei sem ter
quis sem saber
fui sem ir

quem herda
não sabe

quem assina
não lê

quem nega
não é

V

o erro virou livro
o livro virou dobra
a dobra virou pó
e o pó
me leu
e o pó
me deu
e o pó
sou eu

Anáforas de um Testamento Falho

I

eu disse
        eu disse
                eu disse
mas a boca não estava

eu disse
        era manhã
                era nome
                era nó

mas a boca
não veio

II

eu quis
eu quis
eu quis

mas querer
era cinza

era chão
onde pus
o que não tinha

III

eu escrevi
eu escrevi
eu escrevi

mas a letra
era líquida

e o papel
me bebia

IV

eu dei
eu dei
eu dei

mas dar
não era posse
era perda

e a herança
foi só eco
nas mãos

V

eu calei
eu calei
eu calei

e o silêncio
herdou tudo

VI

com o testamento
falhei

com o testamento
voltei

com o testamento
desmenti

com o testamento
fiz de mim
um outro
sem mim

O Erro no Espelho

I

quem és
que me olhas
sem olhos

quem és
que me nominas
com boca sem forma

sou eu
não sou
te sou
sem ser

II

diz-me
se és meu
ou se vieste
de mim

diz-me
se és anterior
ou herança
[ou rastro]

sou nome
sem rosto
sou rosto
sem fome

III

vi em ti
o que calei
o que dei
sem ter

vi em mim
teu traço
minha farsa
no meio

IV

quis tocar
mas a face
era fundo

quis quebrar
mas o caco
me cortou

quis calar
mas a voz
já era tua

V

no espelho
o erro
sorriu

no espelho
a herança
sumiu

no espelho
eu era
sem eu

A Assinatura Torta

I

axioma era
mas não era dado
era ausente

escrevi:
se A então B
mas B fugiu

II

supus verdade
sem premissa
firmei negação
com a mão trêmula

e o mundo
não se moveu

III

quis provar
mas provei o nada
com linhas que tremem

quis selar
mas a equação
não fechava

(∃x)(¬x)
me dizia o espelho

IV

era eu o conjunto vazio
a variável solta

o símbolo isolado
não tinha universo

nem domínio
minha lógica

não tinha chão

V

assinei
em silêncio
assinatura torta

sem nome
sem data
[assinatura torta]

de quem prova
mas não existe

LIVRO II

A Herança

Assento

ali
bem ali
onde descansava o pó
deitada estava
a folha

olhos brancos
tudo descrevem
descobrindo no que vem
imagens indecifráveis
na pauta

e queria
[ego meu]
tudo na pauta
        que era palma da mão

estrelas folhas
o ar firmamento
até a vida
no nascimento

e queria
[ego meu]
tudo assento

definitivo na folha
        o pensamento

Herança

I

a herança
não se constituía
em descampado circunscrito
na própria extensão

a herança
era o molde da terra
terço avesso de leiras
ventre de concepções

II

criança sim
das fadigas
de negações
navegações
pomo e fome

heranças perguntas
respostas
que se consomem

III

herança constituída
ser somente
um ser criança

herança constituída
para ser a quietude
da espera

Sucessão

I

com o testamento
firmado por minhas mãos
leguei o erro
de achar o erro

usando o aço para sangrar
a terra
para desta terra
nascer alimento

II

com o testamento
foi feito um pacto
        como quem toma o pomo
        por pecado nato

com o testamento
leguei a sucessão dos dias
e o tempo ao tempo

III

da lavra do testamento
surgirá um sol
tomado por ouro
e nem será pó

o legado
do meu testamento
é a alegria a dor
o padecimento

IV

este testamento
é um lenho
um todo
        sofrimento

LIVRO III

O Legado

Três Partes de Um Mesmo Nome

I

nomeei
mas não era o nome
era um
três vezes

o que aponta
        o que é
                o que se faz dele

II

nomeei
mas não era o nome

era o traço
o campo
o relevo do mapa

era o chão
que não se pisa
a pista

III

nomeei
e ao nome
o interpretei
sem saber
me tornei o nome
do que não conhecia

IV

a herança
não era objeto
era signo
aberto
incompleto
em ato

O que Resta

I

com o testamento
leguei o erro

não a palavra

mas o abismo
entre palavras

II

não o gesto

mas o tremor
antes do gesto

não a lógica

mas o enredo
onde a lógica cede

III

este é o símbolo
que deixei:

um círculo
com uma borda
invisível

IV

o entendimento
é sempre falho
mas herdado

o fado

Abismo do Nome

I

Disseram-me o nome
e em silêncio me calei
não porque entendi

mas porque sabia
que o nome
não era dele

II

O nome herdado
tinha bordas visíveis

mas sem centro

um sopro mudo
que dizia tudo
sem dizer nada

III

Disseram-me o nome
mas o nome
não era nome
        era sombra
        era ausência

IV

No nome
o erro era tudo
que restava

O Canto e o Corte

I

Cantei uma vez
mas o canto
era falha viva

e essa falha
era tudo
que me soava

[um momento]

II

Havia um tempo
entre o som
e o ouvido
onde nascia
o erro
do entendimento

[um momento]

III

Era esse
o canto herdado
não canção plena
mas eco
do que nunca
foi voz

[um momento]

IV

Me foi dado
um corte
sem lâmina

um símbolo
sem espelho

um nome
sem fala

[um momento]

O Testamento de Nada

I

Entreguei o testamento
com o selo
da incompreensão

não porque quis
mas porque
nada mais
podia ser dado

II

Na folha
ficaram vestígios
não de verdade
mas da falha
da tentativa
da rachadura

III

Testamento era
um gesto
sem mão

uma entrega
sem objeto

uma frase
sem verbo

IV

Herdei o erro
e por isso
fui homem

V

Fui homem
e por isso
leguei o erro

O Espelho Quebrado

I

O espelho
não me refletia

não por falta de luz
mas por ausência do rosto

[fragmentos dispersos
que não consigo juntar]

II

No reflexo partido
habito o erro

não imagem
mas silêncio partido

eco das falhas
de um mundo sem centro

III

O espelho não mente
não engana
ele apenas mostra
o que nunca foi inteiro

IV

E nesse quebrar
meu legado persiste
não perfeição
mas fissura viva
o farfalhar

V

Herança de pedra
partida em pedaços
assim sou
assim legado
pedrado

A Voz Silente

I

Falo sem voz
canto sem som
meu silêncio
é palavra dita

II

Entre o dizer
e o calar
habita um espaço
onde mora o erro

III

Minha voz silente
eco que não se ouve
mas que insiste
em se fazer presente

IV

Não busco
resposta plena
mas o sopro
do indizível

V

E nesse silêncio
me reconheço
nem perdido
nem achado

A Herança do Vazio

I

Carrego comigo
um vazio
não falta,
mas presença

II

Esse espaço aberto
não é ausência,
mas lugar onde habita
o erro que leguei

III

Não é nada que preenche
mas nada que sustém
é o chão sem forma
o eco sem fim

IV

Essa herança
não se vê
mas se sente
como ferida aberta

V

E nesse vazio
sou inteiro
por completo
inacabado

o todo lado

O Peso do Legado

I

Carrego o peso
do que não quis
erro que recebi
bebi
e que passo adiante

II

Não é carga fácil
nem leva alívio
mas sustenta
minha fragilidade
no desabrigo

III

É um fardo sem fim
que me faz firme
e, ao mesmo tempo,
me esconde
de mim

IV

No peso
reside a força
e a dúvida
de quem ainda espera
um serafim

V

Assim vou
legando o erro
como herança
sem dono

O pavio certo
do meu abandono

O Caminho Inacabado

I

Ando um caminho
sem começo claro
nem fim definido

início impedido
o fim por início

II

Cada passo
é dúvida e erro
marca e sombra

afora o orvalho
é macabra onda

III

Não busco saber
onde o caminho leva
mas sentir

a terra sob os pés
e tirar-lha dos seus

IV

O percurso é legado
herança sem forma
que deixo
e recebo

neste riso nefasto
com qual me aconselho

V

E assim sigo inacabado
sempre em busca
do não encontrado

sem diferenciar o certo
pois tudo é errado

A Linguagem do Erro

I

Não digo palavra plena
mas sinal disperso
traço breve
entre abismos

II

Um código feito
de sombras e pausas
regra esquecida
entre o dito e o não

III

Cada frase
suspensa no ar
um vazio que chama
sem nome

IV

Sinais que não se encontram
ecos que se perdem
no limite
do silêncio

V

Linguagem que não fecha
porta aberta
onde erro
se faz casa

VI

Formas desenhadas
sem contorno
modelos que desvanecem
antes do fim

VII

No entrelace tênue
a falha
o caminho
que me leva

O Vazio que Nomeio

I

Chamo o vazio
sem lhe dar forma
um gesto leve
no silêncio aberto

II

Não completo
não explico
deixo a sombra
entre as linhas

III

O nome que dou
é só o que sobra
eco fugidio
de um ponto incerto

IV

Vazio que habito
não é ausência
mas semente
que não cresce

V

Entre o tudo e o nada
me encontro
e me perco
na mesma alvorada

O Traço Incompleto

I

Desenho um traço
que não se fecha
linha suspensa
no ar entre os mundos

II

Não busco final
nem ponto certo
mas o espaço
onde tudo oscila

III

O traço é memória
e esquecimento
presença que se vai
antes que sina

IV

Entre o começo e o fim
existe o silêncio
um lugar
onde erro habita

V

Traço e vazio
unidos no nada
e nesse nada
lego o inteiro

O Legado Silencioso

I

Rastros deixo
como fios dispersos
traços tênues
no respiro da ausência

II

Presença sem peso
eco sem voz
entre o dito e o calado
onde o erro se esconde

III

Herança não contida
na forma ou na pedra
mas no espaço oculto
entre as sombras do ser

IV

Carrego um nada
que não é ausência
semente oculta
que nunca floresceu

V

E nesse gesto vago
a presença flutua
não como pedra
mas como silêncio

VI

Legado não pesa
não é fala plena
mas som disperso
na sala vazia

VII

Sigo deixando
esse rastro frio
sem forma
sem nome

[norma]

VIII

um fio solto
no tecido do nada
que talvez
alguém um dia encontre

no meu mesmo erro

A Herança Oculta

I

Não herdarás formas
nem certezas claras
herdarás sombras
e ecos suaves

de um uirapuru

II

A herança se oculta
entre os espaços
fala em silêncio
e silêncio em fala

desampara

III

Não se pode agarrar
não se pode nomear
mas vive
no fluxo do tempo

e nunca alcançar

IV

É o sopro leve
que me move
o traço invisível
que nunca termina

assina

V

Carrego
[e carregarás em saber]
doces fragmentos
tecidos soltos
de um passado sem rosto

no meu fingimento

VI

E assim caminho
com o peso leve
de uma herança
que é ausência e presença

que me prescreve

Ecos do Testamento

I

Eu carrego
o peso de um erro
sombra antiga
que não se dissolve

II

Entre o certo e o incerto
a verdade escapa
um murmúrio
perdido no espaço

III

Cinco formas se entrelaçam
sem revelar caminho
apenas portas
que se fecham e abrem

IV

A sintaxe se desfaz
na última alvorada
o entendimento se dobra
às facas do silêncio

V

Provas que são ecos
dentro de um vazio
onde o legado se esconde
além do tempo

VI

Alegria e dor se misturam
num peso antigo
que dobra a alma
sem dizer palavra

VII

Eu sigo
sendo o erro
um testamento
sem fim

[o vinho lamento]

Morada

I

No silêncio
o erro repousa
não diz
não se mostra

II

Sombra que dobra
o espaço
vaga
sem fim

III

Não caminho
não volto
fico
preso ao eco

IV

Véu entre palavras
fenda no ar
onde nada
se revela

V

Peso que não pesa
chama que não arde
fala
no silêncio

VI

Morada sem porta
luz sem chama
sou
essa ausência

O Eco

I

Vem o eco
dos passos que não andam
vento que dobra
a face da pedra

II

Sombras dançam
entre silêncio e sombra
palavras não ditas
ficam no ar

III

Cai a folha
não feita de árvores
marca perdida
na pauta do tempo

IV

Cada gesto
é um fio quebrado
entre a mão que busca
e o vazio que espera

V

Sons que se perdem
antes do toque
a voz do erro
que nunca se cala

VI

O vento leva
e traz de volta
um murmúrio
sem nome

O Vento que Fala

I

O vento fala
em línguas quebradas
não para ser ouvido
mas para ser sentido

II

Sussurra histórias
sem começo, sem fim
uma prece muda
entre as pedras frias

III

Vejo no ar
figuras desfeitas
ecos de vozes
que nunca se fecharam

IV

E eu, espectro
entre o silêncio e o som
carrego a palavra
que não ousa nascer

V

No limiar do nada
mora o legado
não visível
mas palpável

VI

E assim me perco
entre as sombras
um fragmento solto
na memória do erro

Fim do Testamento

I

Não há fim
nem começo
só o eterno fio
entre o erro e a espera

II

Deixo o legado
não em pedras
mas no silêncio
entre as palavras

III

E mesmo ausente
ele persiste
um canto vago
no tempo disperso

IV

Fecho os olhos
mas o eco permanece
sombra que vive
na ausência do verbo

V

Assim termino
este testamento
sem forma, sem voz
mas inteiro

O Último Sussurro

erro que carrego
não cala
ferro antigo
cravado
sombra que arde
silêncio que corta

marca
pulsa na carne

legado
não nas mãos
mas no vazio
palavra finda
silêncio cresce

limiar
sou inteiro
sou erro
sou herança
o inverno

reconheço
não caminho
senão peso
do erro
de mansinho
erro que deixo
não luz
não certeza
só a ferida
] aberta [
{}
vazio cortante
lugar onde o ser
se perde
$\forall x, x \in \varnothing$
olhar que busca
não encontra
[se cerra]

eco
sussurro
sombra que dobra
o espaço

legado
tudo e nada

deixo
não paz
mas grito
mudo
erro eterno

[testamento
sem fim
na carne
no tempo
na espera]
que não cessa

A Passagem

não há
fim —
só o fio
quebrado
entre o erro
e o espaço
onde se dobra
a voz
e se perde
o sentido
fica o sopro
do legado
não dito,
não visto,
presente
no vazio
que habita
o peito
e chama —
sem resposta,
sem luz.

Últimas Vozes

I

As horas já sombram —
o corpo cede,
a elipse se alonga.

No silêncio do tempo,
sinto a respiração
que escoa entre dedos.

O legado,
aos poucos, escapa —
em sussurros.

E enquanto o mundo se afasta,
a pena ainda busca registrar o erro,
a herança, o peso.

II

Não como um fim,
mas como um convite —
para que quem venha depois
carregue o fardo,
e, quiças,
sentido

onde me findo.

Aqui,
à beira da última palavra,
deixo o silêncio
para falar por mim.

LIVRO IV

O Testamento

I

Última vontade,
depois de tantas vontades.
Já que não se volta,
a saciedade.

II

Ego meu:
nem tudo se escreveu.
Faltaram auroras,
com muito breu.

E tudo assento:
que quedou definitivo
somente as mágoas
do coração meu.

III

Aqui começa o último peso:
o legado do que não se ergueu.

IV

Esse sou eu,
na palma,
um grão
quando digo adeus.

É fragmento,
é resto,
é o erro:
legado meu.

V

Não plantei,
não brotou.

O grão:
silêncio duro
que permanece.

VI

Tracei sulco
no ar.

O grão caiu
no nada
e ali
permaneceu.

VII

Deixo o último,
não como semente
mas como resto,

não para ser
mas para estar.

VIII

Chamei grão
o que era
sombra.

O nome
não deu forma.

IX

Gesto vazio,
sem prece.

O grão ficou
onde a mão
se negou.

X

O vento arrasta o grão,
não para levar,
mas para soltar
onde o erro repousa.

XI

As lágrimas retornarão ao ar,
as penas à escrivaninha,
os amores e as angústias
às contas do errar.

XII

Não há voz
que se eleve,
só o erro
que persiste
como marca
não dita.

XIII

Em data de lua,
contada em sóis,
o erro foi selado.

XIV

Assim assino:
ao vento e o pó.

XV

(E o erro fica.)

EPÍLOGO

O Último Peso

I

não há voz
que se eleve
só o erro
que persiste
como marca
não dita

II

o peso final
não some
não se dilui
não cede
é o que resta
quando tudo cala

III

erro —
último fôlego
último traço
o que pulsa
quando o verbo
já não vem

IV

e no silêncio
o erro vive
não redimido
não vencido
apenas sendo
o que não passa

V

não deixo nada
além do erro
não clamo luz
não clamo paz
deixo o erro
para que seja
para que siga
onde a voz
termina.

POSFÁCIO

O Legado: o testamento da falha

por Beatriz Sarlo[2]

Há uma coragem singular em um livro como *O Legado*. A coragem de não se apoiar no consolo da fábula, no abrigo da personagem, na segurança do enredo. O autor se propõe um gesto mais radical: legar ao leitor a falha como única certeza, o erro como centro ontológico do dizer e do ser.

Ao longo dos quatro capítulos, *O Legado* se constrói como um monumento ao fragmento e ao inacabado. O erro não aparece como acidente ou desvio; não é algo a ser corrigido ou superado. É o dado primeiro e último. É a substância mesma daquilo que se tenta dizer e daquilo que se é.

O livro se aproxima das grandes obras da modernidade que tensionaram os limites da linguagem: o Beckett do fracasso, o Blanchot do silêncio, o Celan da palavra despedaçada. Mas *O Legado* avança além: onde Beckett ainda vê no

2 Beatriz Sarlo (Buenos Aires, Argentina, 1942) é uma das intelectuais mais respeitadas do campo literário e cultural da América Latina. Crítica literária, ensaísta e professora emérita da Universidad de Buenos Aires, Sarlo é autora de livros fundamentais como *Una modernidad periférica (1988)*, *Escenas de la vida posmoderna (1994)* e *Tiempo pasado (2005)*. Sua obra se caracteriza por uma análise aguda das tensões entre modernidade e tradição, cultura e política, literatura e memória.

fracasso um motor, onde Celan ainda busca no poema um último reduto, onde Blanchot ainda persegue o espaço literário como lugar da experiência do limite, *O Legado* recusa qualquer drama. O erro não é mais impulso ou travessia: é chão imóvel, é pó que se deposita, é vento que permanece.

O gesto do testamento que se ensaia no capítulo final é uma ironia sutil e profunda. O autor simula o ato jurídico, a ordenação da herança, apenas para desvelar o vazio de todo gesto de transmissão. O testador assina com o vento e o pó; as disposições são esboços falhos de um querer ordenar o que não se contém. O testamento, como forma, desmorona sob o peso daquilo que tenta legar: o erro que não se transmite porque já é de todos, porque já é tudo.

O Legado inscreve na literatura um gesto raro: o de não buscar sentido nem redenção, o de recusar a promessa da linguagem e da narrativa. O livro não se fecha em seu último verso porque não há fechamento possível: o erro fica, não como lição, mas como marca do impossível de legar.

Ao entregar estas páginas ao leitor, o autor não oferece um caminho, mas o mapa de uma falha. O que se recebe não é herança no sentido clássico, mas aquilo que, ao se oferecer, já se perde: o eco de um gesto abortado, a assinatura do nada.

NOTA BIOGRÁFICA

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita percorre a tensão entre palavra e silêncio, herança e ausência. Fundou o selo Ars Verbi™, dedicado à edição artesanal e digital de obras livres.

Entre seus livros: Os Vinhedos de Belaste (2011), Clown (2014), Cartas para Ninguém (2017), Cinza de Bronze (2020), Silêncio Alto (2024) e Antes que Derrubem (2025).

Vive em Lapa, Paraná, Brasil, onde também atua em iniciativas culturais voltadas à literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamond renascentista talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561), em Paris.

A edição digital foi finalizada em outubro de 2025, pela Ars Verbi™.

Este livro se encerra como se encerra a cinza:
sem ponto final,
apenas o peso que permanece.

Impresso em silêncio,
datado no pó,
guardado no vazio.